



C A P Í T U L O 2

OBITUÁRIOS

Michele Ribeiro de Carvalho Cassano

(UERJ / SME-RJ)

mmichelerj@gmail.com

A busca pela eternização levou o ser humano a criar formas de ser lembrado como ser possuidor de cultura, com possibilidade simbólica. Por isso as narrativas pictórica, oral, arquitetônica e escrita são escolhidas para superar a morte simbolicamente. A memória mortuária já acontecia nas orações fúnebres nas igrejas, nas lápides dos túmulos ou epitáfios, na construção de criptas (López Hidalgo, 1999). Ariès (2008) mostra como esta busca ocidental pela superação simbólica da morte está presente desde as tumbas da Idade Média.

Vários outros estudiosos se dedicam ao tema “morte”, entre eles Miklos (2012), para quem a mediação jornalística é de grande importância para o processo de validar e conferir importância ao falecido, uma vez que os obituários carregam simbolismos e práticas culturais. A leitura dos obituários pode ser considerada tão atraente pela constatação da fragilidade da vida, sempre por um fio, sintetizada e imortalizada pela mídia. E que demanda do jornalista perícia e sensibilidade para ser bem-sucedido no desafio de condensar muitos anos em poucas linhas, conforme pode ser observado nas páginas da *Folha de S. Paulo*¹, nas quais os obituários, também chamados necrológios, são condensados em 20 linhas.

O termo obituário é etimologicamente ligado ao termo latino *obire* (partir), de *obitus*, morte; já o termo necrológio é originário do grego, em que *nekrós* significa cadáver e *logos* significa, apesar das múltiplas traduções, tratado, discurso ou pensamento. Os primeiros registros escritos do termo em inglês *obituary* foram localizados na Inglaterra do século 17, tanto como registro quanto como anúncio mortuário (Starck, 2011). Segundo o dicionário Oxford Languages (2024), obituário significa “nota de falecimento geralmente publicada em jornal, acompanhada de perfil biográfico do morto”. Seu estabelecimento ocorreu junto à consolidação

¹ Além da *Folha de S. Paulo*, os jornais *Zero Hora*, *Jornal de Londrina* e *Diário Catarinense* também publicam o obituário com as características do retrato biográfico do sujeito.

da imprensa no século XVIII, com o grande interesse por figuras públicas e com a morte ganhando cada vez mais espaço no imaginário social por meio de notícias de catástrofes e guerras (Barry, 2008).

A presença de obituários em jornais já se faz uma tradição cultural, cumprindo o papel que a sociedade assumiu de reconhecer os seus mortos. De certa forma, também homenageiam amigos e familiares daqueles que já partiram. Não são meros avisos de morte, mas antes um componente da memória coletiva da sociedade e um instrumento de registro histórico, a depender do modo como será encarado. Eles não enfocam a morte, mas a vida em um estudo de caráter póstumo (Starck, 2011).

Os obituários vêm sendo estudados nos campos do conhecimento linguístico, literário, jornalístico, sociológico, entre outros, que destacam seu papel nas sociedades por meio de interpretações sobre significados culturais e históricos da morte. Também podem ser entendidos como expressão de um modelo cultural de atitudes, valores e ideais. Como documentos escritos, refletem o sistema de crenças daqueles que os redigem e influenciam aqueles que os leem (Moses; Marelli, 2003).

Localiza-se a sua primeira publicação em 1731 em uma revista inglesa, contudo, somente em 1879 o obituário solidificou suas características modernas. Ele pode ser entendido como uma minibiografia, difundida em jornais, criada para celebrar a vida de pessoas falecidas. Não se resume a, somente, elogios ou a simples nota de falecimento. É um texto biográfico em que se faz uma homenagem em memória às virtudes e méritos daquele que faleceu, repletos de valores biográficos caros à contemporaneidade. Eles são um componente importante da memória coletiva da sociedade (Fowler, 2007), na medida em que permitem observar discursos dominantes, dirigidos às elites, e analisar as estruturas hierarquizadas de poder e as formas de capital simbólico (Bourdieu, 1996).

No Brasil, o gênero obituário aparece em alguns estudos na área de comunicação social (Martinez, 2013), mas pouco tratado por historiadores. No país, é possível notar um certo estranhamento com o tema morte (Scarpin, 2008), o que pode explicar a falta de páginas definidas para os obituários, e sua publicação em seções de periódicos em que o falecido tinha mais afinidade: Economia, Esportes, Política, etc. Contudo, costuma-se situar o periódico *A Folha de S. Paulo* como o primeiro jornal a implantar a publicação de obituários, como são conhecidos atualmente, já em 2007. Um exemplo de obituário publicado neste impresso é o da literata Lygia Fagundes Telles², também conhecida como “a dama da literatura brasileira” por ser considerada por acadêmicos, críticos e leitores uma das mais importantes e notáveis escritoras brasileiras do século XX.

² **Lygia Fagundes da Silva Telles (1918-2022)** - escritora brasileira, considerada por acadêmicos, críticos e leitores uma das mais importantes e notáveis escritoras brasileiras do século XX, foi também advogada, romancista e contista, com grande representação no pós-modernismo. Suas obras retratavam temas clássicos e universais como a morte, o amor, o medo e a loucura, além da fantasia.

O pesquisador brasileiro Edvaldo Pereira Lima, propõe o entendimento dos obituários como narrativas biográficas, ou como um “texto que retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias, quem sabe” (Lima, 2009, p. 427), pois consiste em uma seleção de fatos da vida do indivíduo.

Ainda que os obituários como conhecemos atualmente sejam localizados primeiro n’A *Folha de S. Paulo*, é possível observar a publicação de obituários individuais destinados às pessoas ilustres, de certa relevância social, em periódicos de circulação no século XIX. Nesses, o texto assumia certa dramaticidade poética, em que palavras como morte e falecimento eram evitadas e davam lugar a expressões como “descansa eternamente” e “deu alma ao criador”; em seguida, a biografia do falecido era retomada com tons elogiosos aos seus feitos, caso o falecido fosse homem, pois os obituários femininos apresentavam elogios referentes à vida privada, ressaltando os papéis desempenhados e as virtudes da falecida. Ao final do texto era comum a inserção de uma pequena prece, o que pode indicar uma resignação dos indivíduos daquele século diante da morte.

O obituário é um gênero atravessado por especificidades formais: é jornalístico por ser veiculado na imprensa de modo geral; é biográfico e faz uso de formas ficcionais, o que nos leva a refletir sobre tipos de discurso, efeitos de real e índices de veracidade. Como mais uma forma das escritas de si, os obituários podem tratar, entre outros, de pessoas comuns, como no caso do jornal *New York Times* (Siegel, 1997; Johnson, 2007; Suzuki Jr., 2008); de personalidades e pessoas comuns celebradas no *London Daily Telegraph* (Twiston-Davies, 1996); de rock stars (Talevski, 2010) e artistas do cinema (Donnelley, 2005); e, até mesmo, de pessoas sobre as quais nunca ouvimos falar, mas cujas vidas têm muito a oferecer (Sheeler, 2008).

Existe, também, o “obituário prematuro”, ou aquele obituário previamente escrito, que fica aguardando o falecimento de determinada personalidade para ser publicado. Muitos já foram os casos de publicação errônea de obituário prematuro, seja pela sobrevivência inesperada de alguém que esteve bem perto da morte, seja pela comunicação de fonte não confiável.

Outro modelo de obituário localizado é o chamado “auto-obituário”, que é escrito pela própria pessoa ainda em vida; um exemplo famoso é o de H. G. Wells³, que foi publicado em 1943, três anos antes de sua morte. A questão de gênero também permeia os obituários, sugerindo que as realizações femininas são desvalorizadas mesmo após a morte, e não raros são os casos de obituários femininos mais curtos

³ **Herbert George Wells (1866-1946)** – Escritor britânico e membro da Sociedade Fabiana, nos primeiros romances abordou uma série de temas que foram, mais tarde, aprofundados por outros escritores de ficção científica, e que entraram na cultura popular em trabalhos como *A Máquina do Tempo*, *O Homem Invisível* e *A Guerra dos Mundos*.

do que os de homens na mesma posição ou de textos longos se a mulher for parente de um homem famoso. De todo modo, os obituários femininos tendem a abordar a família e o lar, enquanto os masculinos enfatizam as conquistas profissionais.

O hoje diretor executivo da Companhia das Letras, Matinas Suzuki Jr., em 2008, escreveu um posfácio para o livro *O Livro das Vidas*, no qual aborda a questão da entrevista para permitir ao biografado apresentar a sua versão da história, “uma vez que, depois do obituário publicado, ele não terá chance de enviar uma carta à redação para reparar eventuais injustiças” (Suzuki Jr., 2008, p. 296), caracterizando, assim, um outro modelo de obituário.

A história da morte, e por consequência suas derivações, tem sido objeto de pesquisas historiográficas, principalmente na França, com pesquisadores da chamada “terceira geração dos Annales”, como Michel Vovelle, Pierre Chaunu e Philippe Ariès⁴. Com a ampliação da noção de problemas, abordagens e objetos de pesquisa, como cheiros, ruídos, corpos e leituras, a Nova História Cultural admite um tratamento interdisciplinar da história com as ciências como a antropologia, a linguística, a arqueologia, entre outras, abrindo possibilidades em relação à utilização de fontes diversas, entre elas os obituários.

Contudo, novas fontes exigem novas formas críticas de análise, conforme Burke (2005). Compreender que os obituários são representações, geralmente positivas, do obituariado permite ao pesquisador utilizar estes monumentos escritos e ratificados pelos leitores em documentos selecionados para escrever a história (Le Goff, 2003). Considerados objetos culturais, os obituários como meio de rememorar as ações daquele que morreu, se mostram entre a realidade e a ficção, em que o obituarista codifica diversos eventos da vida de um indivíduo, tornando-a uma história. Poderiam ser compreendidos como uma cerimônia de adeus, em que pistas sobre a vida pessoal e laboral do obituariado podem ser encontradas e utilizadas em pesquisas científicas diversas, desde que analisadas criticamente e com responsabilidade pelo pesquisador, de modo a separar o indivíduo real do “personagem” criado.

O trabalho de pesquisa com obituários deve considerar esses textos como representações do obituariado, em que o autor expõe suas impressões sobre o falecido a partir de relatos de terceiros, sejam eles escritos ou em formato oral, e estes relatos são, assim como o texto final a ser publicado, permeados por escolhas e intenções. Deste modo, as representações não são discursos neutros, elas produzem estratégias e práticas; elas também não se opõem ao real, mas podem ser entendidas como forças reguladoras da vida coletiva.

Palavras-chave: História. Obituários. Práticas Culturais.

⁴ A partir de 1975, quando o historiador Philippe Ariès publicou na França a obra *Essais sur L'histoire de la mort em Occident*, os assuntos relacionados ao tema despertam interesses por parte dos pesquisadores. [Fonte: BURKE, Peter. *A escola dos Annales* (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1994].

REFERÊNCIAS

ÁRIES, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

BARRY, Elizabeth. Death and celebrity in eighteenth-century British culture. **International Journal of Cultural Studies**, p. 259-275, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **The state nobility**: elite schools in the field of power. Cambridge: Polity Press, 1996.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. *In*: CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 13-28.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *In*: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 61-80.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 91-110.

DIAS, Paulo da Rocha; CARMO, Aparecido Santos do. **O obituário no jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

DONNELLEY, P. **Fade to black**: a book of movie obituaries. London: Omnibus Press, 2005.
FOWLER, Bridget. **The obituary as collective memory**. New York: Routledge, 2007.

JOHNSON, M. **The dead beat**: lost souls, lucky stiffs, and the perverse pleasures of obituaries. New York: Harper Collins, 2007.

LE GOFF, Jaques. Documento/monumento. *In*: LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 5. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2003.

López Hidalgo, A. La necrológica, como género periodístico. **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 15, 2009.

MARTINEZ, Monica. Uma Questão de Estilo: estudo dos obituários da Folha de S. Paulo. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 14, n. 26, p. 28-35, 2013.

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião**: a construção de vínculos religiosos na cibercultura. São Paulo: Idéias e Letras, 2012.

MOSES, R. A.; MARELLI, G. D. Obituaries and discursive construction of dying and living. **Texas Linguistic Forum**, v. 47, p. 123-130, 2003.

SCARPIN, Paulo. A logística de fazer um morto. **Revista Piauí**, São Paulo, n. 17, fev. 2008. Disponível em: http://www.revistapiaui.com/edicao_17/artigo_491/A_logistica_de_fazer_um_morto.aspx. Acesso em: 01 ago. 2024.

STARCK, Nigel. A licence to resurrect: biographies and Footnotes. **The Newsletter of the National Centre of Biography**, vol. 8, pp.14-21, 2011.

SHEELER, J. **Obit**: inspiring stories of ordinary people who led extraordinary lives. London: Penguin Books, 2008.

SIEGEL, M. (ed.). **The last word**: The New York Times book of obituaries and farwells: a celebration on unsual lives. New York: William Morrow & Co, 1997.

SUZUKI JR, Martinas (org.). **O livro das vidas**. Obituários do New York Times. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TALEVSKI, N. **Knocking on heaven's door**: rock obituaries. London: Omnibus Press, 2010.
TWISTON-DAVIES, D. **Canada from afar**: The Daily Telegraph book of Canadian obituaries. Ontario: Dundurn Press, 1996.

SOBRE A AUTORA

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), com Estágio Pós-doutoral na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Docente na Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro (SME) e TUS - Pedagoga na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).